

NOTA DE REPÚDIO

O CASO ANDRIELLI E O MOVIMENTO CONTRA O AFASTAMENTO DE MÃES E BEBÊS

A **Coletiva em Apoio às Mães Órfãs** vem manifestar indignação contra a separação perversa da bebê Susy de sua mãe Andrielli (21 anos), que ocorreu na Maternidade do Hospital Universitário, em Florianópolis, no dia 28 de julho. Andrielli foi separada de seu bebê três horas após o parto, por uma conselheira tutelar, todavia segundo informações não havia decisão judicial para tal separação.

A justificativa para a separação compulsória foi seu passado de trajetória de vida nas ruas e de suposto uso de drogas, em 2019. Soma-se a essas violações o fato gravíssimo de terem submetido Andrielli à laqueadura forçada durante a execução da cesariana, sem ao menos ser consultada ou, mesmo informada do procedimento que a impedirá de gerar outros filhos biológicos.

Durante os dias que correm afastada de seu bebê, Andrielli foi impedida de amamentar seu bebê Suzy, de visitá-la após o acolhimento institucional em abrigo e, recentemente, Andrielli também não foi avisada de que Susy encontra-se hospitalizada para tratamento e longe de sua mãe. Se cabe aos serviços de saúde prestar cuidados e assistência para a mãe e o bebê no parto e nascimento e preservar o vínculo da mãe com seu filho, como essa Maternidade pactua com essa barbaridade?

Vale lembrar que a separação ou sequestro compulsório de bebês tal qual a esterilização compulsória de mulheres no Brasil não é recente, mas marcada pelo passado colonial e eugenista. E infelizmente acontece por toda extensão do país formas de retiradas de bebês, crianças e adolescentes de mães em situação de vulnerabilidade social.

O caso de Andrielli e Suzi está longe de ser um fato isolado! Em 2018, outro caso emblemático foi a esterilização compulsória de Janaina Aparecida Quirino, na cidade de Mococa, interior de São Paulo, que foi seguida da separação de seu bebê, pelo mesmo motivo, suposto uso de álcool e outras drogas e trajetória de vida nas ruas.

A Coletiva em Apoio às Mães Órfãs já acompanhou diversos casos semelhantes aos dessas mulheres, em Belo Horizonte. Vivenciamos momentos difíceis, em 2016, quando a prática de acolhimento compulsório de bebês passou a ser indicada por meio de portaria. Com muita luta conseguimos suspender essa indicação, mas não erradicar a prática. Por isso, a seguimos atuando na pauta.

Ressaltamos que tal controle dos direitos sexuais e reprodutivos possui como alvo, principalmente as mulheres negras, indígenas, periféricas, quilombolas, com trajetória de vida nas ruas, usuárias de álcool e outras drogas, com sofrimento mental, de religiões de matriz africana, em contexto de prisão, vivendo com HIV, profissionais do sexo etc. A **Coletiva em Apoio às MÃes Órfãs** repudia a criminalização e punição histórica dessas mulheres e de seus filhos e reivindica justiça para Andrielli e Suzy.

Até quando o Brasil será cenário de tamanha violência e racismo contra a mulher negra? Basta de violência obstétrica! Basta de racismo! Devolvam já a Susy para sua mãe!!!

Coletiva em apoio às MÃes Órfãs

Clínica de Direitos Humanos da UFMG

Frente Mineira de Drogas e Direitos Humanos

Mandato Popular Deputada Leninha

Programa Polos de Cidadania UFMG

Vereadora Bella Gonçalves

Agosto de 2021